

Zimbabweanos poderão regressar como instrutores do novo Exército moçambicano

28/3
94

Instrutores zimbabweanos poderão participar em Moçambique na formação dos 15 batalhões de Infantaria no novo Exército, informou em Maputo Aldo Ajello, representante especial da ONU.

A ida desses instrutores a Moçambique destina-se a conseguir formar os batalhões que constituem o núcleo mais numeroso do novo Exército, quando existe o risco de eles não estarem prontos antes das eleições previstas para Outubro.

O treino dos batalhões deveria ter arrancado em Janeiro, mas os atrasos do Governo de Maputo na reabilitação e equipamento dos três centros de instrução em que os treinos decorrerão sob supervisão britânica e na selecção dos soldados do Governo Central e da Renamo, fizeram com que se tenha chegado quase ao fim de Março sem que ele se iniciasse.

Ajello afirmou que não existem problemas políticos para a chegada dos instrutores zimbabweanos, uma vez que o líder da RNM, Afonso Dhlakama já concordou com ela.

Quanto ao governo, o representante da ONU indicou não ter ainda falado com os responsáveis do Executivo moçambicano de «maneira conclusiva», mas disse estar certo que não iriam surgir problemas.

O ministro do Trabalho moçambicano, Teodato Hunguana, «número dois» do Governo na Comissão de Supervisão e Controlo (CSC) disse «não estar ao corrente» do assunto dos instrutores zimbabweanos.

As tropas de Harare retiraram de Moçambique em 1992 — onde protegiam o Corredor da Beira, que liga o seu país ao mar — na sequência das exigências da Renamo acolhidas no Acordo Geral de Paz assinado em Roma em 4 de Outubro

de 1992.

Mas desde então, as relações do Governo moçambicano e do movimento de Afonso Dhlakama com o regime do presidente Robert Mugabe evoluíram de maneira diferente.

A Resistência Nacional Moçambicana aproximou-se de Harare, desejosa de ver a estabilidade reinar no país, enquanto o governo reagia negativamente ao fim do exclusivismo nas relações com Zimbabué e às próprias ideias do presidente Robert Mugabe sobre uma solução de poder para Maputo.

Fontes diplomáticas consideram haver indícios de que o pragmático Robert Mugabe propôs para Moçambique (como teria também proposto para Angola) uma solução semelhante à por ele adoptada com o seu rival da ZAPU-PF, Joshua Nkomo, de quem fez vice-presidente do Zimbabué.

Esta sugestão teria sido

mal acolhida por Maputo e a ela se vieram juntar entretanto conflitos relativos às taxas pagas pelo trânsito de viaturas pesadas do Zimbabué por Moçambique, que Harare considera demasiado pesadas.

GOVERNO AINDA POR DECIDIR

Aparentemente, o Governo moçambicano ainda não tomou uma decisão sobre a chegada dos instrutores zimbabweanos, que foi colocada por Ajello como «uma das hipóteses» para resolver o problema da formação daqueles batalhões para que eles estejam prontos na data prevista, Setembro próximo, um mês antes das eleições em Moçambique.

Fontes diplomáticas disseram que a ideia de chamar os zimbabweanos — para resolver uma questão de ordem técnica e não política — pertenceu à asses-

sória militar britânica.

Mas, devido ao seu melindre, a diplomacia do Reino Unido em Maputo conseguiu que essa opção fosse assumida pelas Nações Unidas.

Os créditos que Londres forneceu para a permanência da sua reduzida equipa militar de treino (14 homens) em Moçambique são escassos e a sua saída do país, onde se encontra desde o princípio de Fevereiro, está prevista para o fim deste mês.

O adido militar britânico em Maputo, coronel John Wyatt, indicou no entanto terça-feira que está prevista para breve a chegada de uma nova equipa de treino, que deverá permanecer até Julho em Maputo.

Mas tudo indica que este segundo colectivo será tão reduzido como o primeiro.

Ajello afirmou que «a melhor maneira de formar os 15 batalhões é fazer três turnos de cinco batalhões cada. Para fazer três cursos de cinco batalhões precisamos de mais instrutores».

«Há muitas soluções possíveis», disse Ajello, acrescentando que além do convite a instrutores zimbabweanos, outras possibilidades existem.

Outra seria o recrutamento de instrutores entre o pessoal das Nações Unidas que se encontra em Moçambique, que tenham o mesmo tipo de preparação dos exércitos do «Commonwealth».

A vantagem dos zimbabweanos residiria no facto de eles já terem participado em 1993 na formação de 540 instrutores moçambicanos para a Infantaria do novo Exército no «campo fronteiriço» de Nyanga (Zimbabué).